

**DO MUNDO MITOLÓGICO ÀS
RAÍZES DA TRADIÇÃO POPULAR
ENTREVISTA COM MARCO
HAURÉLIO FERNANDES FARIAS**

*FROM THE MYTHOLOGICAL WORLD TO
THE ROOTS OF POPULAR TRADITION
INTERVIEW WITH MARCO HAURÉLIO
FERNANDES FARIAS*

Kathianne Carneiro Borges Carvalho 1
Eliane Cristina Testa 2

Mestranda em Ensino da Língua e Literatura (UFT/TO). Especialista **1**
em Avaliação Escolar Língua Portuguesa (CESGRANRIO/RJ- 2009) e Especialista
em Gestão Escolar – Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa (EadCom/
TO). Professora de Educação Básica – Ensino Médio (SEDUC/TO). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4156250171762207>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4779-4023>. E-mail: kathianne-carvalho16@gmail.com

Doutorado em Comunicação e Semiótica (PUC/SP – 2015). Mestrado **2**
em Letras pela (UEL/PR – 2002). É professora de Literatura Portuguesa do Curso
de Letras, da Universidade Federal do Tocantins /UFT/Câmpus de Araguaína.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1380068536161923>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0863-4297>. E-mail: poetisalia@gmail.com

Marco Haurélio - poeta popular, editor e folclorista. Em cordel, tem vários títulos editados, dentre os quais: *Presepadas de Chicó e Astúcias de João Grilo*; *História da Moura Torta* e *Os Três Conselhos Sagrados* (Luzeiro). É autor dos livros infantis *A Lenda do Saci-Pererê* e *Traquinagens de João Grilo* (Paulus); *O Príncipe que Via defeito em Tudo* (Acatu), *Lendas do Folclore Capixaba* (Nova Alexandria), *As Babuchas de Abu Kasem* (Conhecimento), *A Megera Domada* (recriado em cordel a partir do original de William Shakespeare) e *O Conde de Monte Cristo* (versão poética do romance de Alexandre Dumas), os dois últimos para a coleção Clássicos em Cordel, da Nova Alexandria, onde atuou como editor. Recentemente lançou *História de combates, amores e aventuras do cavaleiro Palmeirim de Inglaterra* (com José santos e Jô Oliveira), pelo Editora FTD como também outras obras. Profere palestras e ministra oficinas sobre Cordel e Folclore em vários estados brasileiros. Atuou como consultor da telenovela *Velho Chico* (Rede Globo), de Edmara Barbosa e Bruno Barbosa. Em setembro de 2018, esteve em Sharjah, nos Emirados Árabes Unidos, a convite do Institute for Heritage, presidido pelo Dr. Abdulaziz Al-Mussalam, de quem recebeu uma medalha de honra ao mérito por seu trabalho de pesquisa e difusão no campo das tradições populares.

Marco Haurélio - popular poet, editor and folklorist. In string, he has several edited titles, among which: Presepadas de Chicó and Astúcias by João Grilo; History of Moura Torta and The Three Sacred Councils (Luzeiro). He is the author of children's books A Lenda do Saci-Pererê and Traquinagens by João Grilo (Paulus); The Prince who saw a defect in Everything (Acatu), Legends of Capixaba Folklore (New Alexandria), The Babassas of Abu Kasem (Knowledge), The Tamed Megera (recreated in string from the original by William Shakespeare) and The Count of Monte Cristo (poetic version of the Alexandre Dumas novel), the last two for the collection Classics in Cordel, from Nova Alexandria, where he served as editor. Recently he launched History of combats, loves and adventures of the knight Palmeirim de Inglaterra (with José santos and Jô Oliveira), by Editora FTD as well as other works. He gives lectures and gives workshops on Cordel and Folklore in several Brazilian states. He worked as a consultant for the telenovela Velho Chico (Rede Globo), by Edmara Barbosa and Bruno Barbosa. In September 2018, he was in Sharjah, United Arab Emirates, at the invitation of the Institute for Heritage, chaired by Dr. Abdulaziz Al-Mussalam, from whom he received a medal of honor for his work of research and diffusion in the field of traditions popular.

1- Marco Haurélio, você poderia nos contar como foi que se tornou cordelista?

Eu nasci numa localidade rural do sertão baiano, a Ponta da Serra, pertencente, na época, ao município de Igaporã. A nossa casa ficava ao lado, parede e meia, da casa de minha avó paterna Luzia Josefina. Desde cedo, me acostumei a ouvir minha avó cantar romances, ABCs e recitar histórias de cordel. Com seis anos, assim que aprendi a ler, tentei escrever meu primeiro cordel. Usei um desses cadernos doados pelo governo, com logomarca e tudo, e, por isso, escrevia escondido, debaixo da cama, pois achava que estava fazendo algo errado. Depois, comecei a recitar nas cozinhas das casas que visitávamos, e as pessoas gostavam do que ouviam. Pagavam por isso. Com o dinheiro, eu comprava cadernos, canetas e lápis de cor. Minha mãe costurava as folhas depois de prontos os “folhetos” (tiragem de um exemplar). Foi assim que comecei.

2- Marco, muitos de seus cordéis têm raízes na tradição oral, bem como também nas sagas mitológicas. O que levou você a escolher essas temáticas?

A tradição oral – mormente os contos populares – chegou até mim por meio de minha avó Luzia e de uma tia chamada Isaulite (Tia Lili), única irmã de meu pai, Valdi. Eram, em sua maioria contos de encantamento, alguns com raízes mitológicas. Aos 13 anos, li *A Ilíada* e *A Odisseia*, em edições de bolso do acervo meu pai. Foi nessa época que escrevi o romance de cordel *O Herói da Montanha Negra*, publicado somente em 2006 pela Editora Luzeiro de São Paulo. Adicione a isso a paixão pelo cinema, especialmente pelo gênero Fantasia. Assisti a filmes que usavam a técnica do *stop-motion* para dar “vida” a seres mitológicos, como *Jasão e o Velo de Ouro*, *Simbad e o Olho do Tigre* e *Fúria de Titãs*. Gostava muito da revista em quadrinhos *A Espada Selvagem de Conan*, baseada nas histórias criadas por Robert E. Howard, no subgênero *Sword and Sorcery*. Com o tempo, vêm a leitura dos teóricos, os estudos dos contos populares, as pesquisas de campo... Daí que todos os meus textos em cordel, que se baseiam em narrativas tradicionais ou em histórias mitológicas nascem de muitas leituras.

3- Você tem hoje uma trajetória consolidada, como pesquisador e escritor, na nossa literatura popular. Como chegou até ela?

Não sei se consolidada, mas ousei abrir uma picada num meio em que as visões sobre o universo da chamada poesia popular quase sempre vêm de fora. Eu afirmo que sou menos um pesquisador que um curioso. Comecei escrevendo artigos, questionando algumas ideias estabelecidas. Depois, vieram ensaios que, originalmente, publiquei em blogues. Esses artigos e ensaios serviram de base para o livro *Breve História da Literatura de Cordel*. Quanto ao lado autoral, procuro seguir os passos dos mestres Leandro Gomes de Barros, José Camelo de Melo Resende, Manoel d’Almeida Filho, Delarme Monteiro da Silva. Quando comecei a publicar em escala maior, fui alertado de que deveria escrever histórias mais curtas, pois ninguém queria ler “romances”. Eu finquei pé e continuei a escrever narrativas mais complexas, inspiradas em temas tradicionais, ou recriadas a partir das histórias do sertão. A vida me ensinou a ser teimoso e a desafiar o sendo comum.

4- Marco, no livro “Meus romances de cordel”, você reúne sete histórias de diferentes personagens que retratam a cultura do povo brasileiro. Gostaríamos que nos contasse o que você pensa da cultura do povo brasileiro?

Somos privilegiados em termos de tradições populares. As matrizes e os matizes constituintes de nossa identidade propiciaram um *corpus* de lendas, contos, mitos, romances, cantigas, brincadeiras etc. único em todo o mundo. Tais manifestações nascem de uma história em que não faltam episódios vergonhosos, traições, destruição de modos de vida, ou seja, das tensões que contribuíram para forjar uma ideia de país baseada numa hierarquia em que o invasor europeu se considerava superior aos outros povos. Por vezes, essas tensões são satirizadas nos versos da capoeira ou no texto poético do bumba meu boi. Não faltam, na literatura oral, cantigas de escárnio e de maldizer, mas conhecemos também versos líricos, pungentes, criados por artistas sensíveis cujos nomes se perderam no vão da memória, vivendo apenas sua poesia, amada e ampliada pelo povo, nos processos de amorosa acolhida e de convergências.

5- Você poderia nos dizer como foi que surgiu a ideia de organizar duas obras tão memoráveis como: “Antologia do cordel brasileiro” e a “Coleção Fábulas do Brasil em cordel”?

A *Antologia do Cordel Brasileiro* é parte de um projeto que, inicialmente, abarcava mais duas publicações: uma antologia de cordéis portugueses e uma antologia do cordel contemporâneo, com foco na produção feminina. Infelizmente, o editor que publicaria as obras, Antônio Daniel de Abreu, veio a falecer e sua editora, a Landy, fechou as portas. A Global Editora publicou apenas o primeiro volume, voltado às narrativas tradicionais. Mas penso em retomar os dois projetos, caso alguma editora manifeste interesse. *Contos e Fábulas do Brasil* resulta

de uma recolha que fiz, no sertão da Bahia principalmente, a partir de 2005. Faz parte de um projeto maior em que outras antologias de contos populares, colhidos diretamente da Fonte da Memória, também vieram a lume.

6- Marco, que estratégias você acredita que contribui com a disseminação do cordel no Brasil?

O Cordel soube se adaptar às novas tecnologias, e vejo que foi isso que garantiu sua sobrevivência e ressurgisse em momentos em que se acreditou que estava morto ou agonizante. É preciso, no entanto, atentar para a qualidade dos textos. A facilidade com que se publica hoje, que deve ser louvada, pois democratiza o acesso aos meios de difusão da cultura, também traz um alerta: muito material de qualidade duvidosa passa a circular, e, às vezes, é esse material que chega às mãos do leitor neófito.

7- Você, além de cordelista, é também pesquisador em poesia popular. Publicou “Breve história da literatura de cordel” (Claridade/ SP, 2010) e “Literatura de cordel: do sertão à sala de aula” (Paulus/ SP, 2013). Marco, quando você idealizou estas obras você estava pensando na formação do leitor de cordel ou na escola?

A princípio eu pensava apenas no leitor. Os dois livros são usados como material (in)formativo, e creio que não rotulá-los foi essencial para que chegassem a um público mais abrangente. Quem busca o *Literatura de Cordel: do Sertão à Sala de Aula* como um “manual” se decepciona, pois a obra traz ensaios, informações técnicas e reproduz trechos ou a íntegra de alguns cordéis. Da mesma forma, o *Breve História da Literatura de Cordel* é mais do que um resumo cronológico do Cordel no Brasil, abarcando artigos e ensaios, além de estabelecer pontes com a tradição oral e com o imaginário de outros povos, presente, por exemplo, no corpus dos “livros do povo”.

8- O cordel é uma produção literária mais característica do Nordeste. Como você vê a expansão desse gênero para todas as regiões brasileiras?

O Cordel é nordestino e, por extensão, brasileiro. Universal em sua temática, regional em sua linguagem. Enfrenta preconceitos injustificáveis, mas, com dignidade, consegue se afirmar, deixando sua marca em outras manifestações da cultura brasileira.

9- Marco, para você qual seria o papel da literatura de cordel para a difusão da cultura brasileira?

O gênero Cordel é parte integrante do grande caldo cultural e sua difusão, claro, ajuda a expandir olhares sobre o Brasil “de dentro”, o Brasil Real, de que falava Ariano Suassuna.

10- Num mundo cada vez mais de acesso tecnológico, como você vê o cordel ou a produção de folhetos?

Acho que comecei a responder a isso na questão 6. Há um livro excepcional de Maria Alice Amorim, *Pelejas em Rede*, que trata desse momento em que as tradições se encontram frente a frente com as demandas da contemporaneidade. Nenhuma tradição é imóvel, fossilizada. Se assim fosse, ela teria uma vida artificial, e com o Cordel isso fica mais evidente. Hoje, travam-se pelejas por aplicativos, como Facebook ou WhatsApp, publicam-se textos nestes mesmos aplicativos. Enfim, estamos “ligados”.

11- Marco, em 2016 você atuou como consultor e autor dos cordéis da telenovela “Velho Chico”, transmitida em rede nacional. Como foi realizar esse trabalho em colaboração com outras mídias e para um público tão grande?

Foi uma experiência única. Além dos cordéis, levamos à novela a pega do boi “na solta”, a dança de São Gonçalo, as cantigas de roda, as crenças dos ribeirinhos do São Francisco.

12- Por fim, gostaríamos de saber se tem novos projetos em andamento e/ou vindouros?

Tenho vários textos inéditos, um deles, a maior versão rimada da história de Roldão (o Roland das canções de gesta francesas). Estou produzindo também textos para o cinema e preparando um projeto autoral para a televisão. Mas jamais deixarei de publicar folhetos. A palavra é minha ferramenta de trabalho, mas foi o folheto de feira o seu primeiro suporte. O Cordel é o alicerce da minha obra. Para mim, mais que um gênero, é um conceito. Uma missão.

Agradecemos sua disposição e colaboração, muito obrigada!

Recebido em 1º de maio de 2020.

Aceito em 6 de maio de 2020.